

**INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA
JOÃO MARCOS BARON**

LOUCURA EM G.K. CHESTERTON

**PONTA GROSSA
2021**

JOÃO MARCOS BARON

LOUCURA EM G.K. CHESTERTON

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso entregue
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Filosofia.

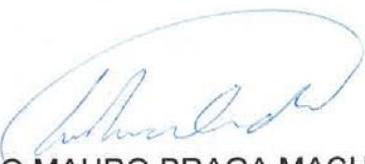
Orientador: Prof. Esp. Lucio Mauro Braga Machado

**PONTA GROSSA
2021**

JOÃO MARCOS BARON

LOUCURA EM G.K. CHESTERTON

Trabalho de Conclusão de Curso da Instituição de Ensino Superior Sant'Ana apresentado como requisito parcial para a obtenção do Licenciado em Filosofia. Aprovado no dia 19 de novembro de 2021 pela banca composta por Lucio Mauro Braga Machado(Orientador), Lília Schainiuka Heil e Reinaldo Milek Marques



LUCIO MAURO BRAGA MACHADO
Coordenador do Núcleo de TCC

Dedico em primeiro lugar a Deus, depois à minha família religiosa, e a todos aqueles que me ajudaram especialmente à família Demiate.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus.

À minha família que me formou em sua simplicidade.

Aos Irmãos da Copiosa Redenção que me permitiram experimentar do Carisma da Copiosa Redenção, especialmente a pessoa do fundador Pe. Wilton Moraes Lopes, C.Ss.R., ao Pe. Luis Cesar que me incentivou a escrever sobre G. K. Chesterton, ao Pe. Fernando que me auxiliou na correção textual, e aos demais seminaristas que me deram apoio durante o desenvolvimento desse trabalho.

A família Demiate que me ajudou emprestando alguns livros, e me incentivou a continuar quando pensei em desistir do tema.

Ao Professor Guilherme Freire que me ajudou sanando algumas dúvidas sobre G. K. Chesterton.

A Instituição de Ensino Superior Sant'Ana e todos os professores que dispuseram do seu tempo para no ensinar, especialmente gostaria de destacar o Prof. Me. Carlos Ricardo Grokoriski que ouviu uma prévia da apresentação e destacou alguns pontos de aprimoramento, a Prof.^a Ma. Lília Schainiuka que ajudou desde a explicação inicial do trabalho até a conclusão, e ao meu orientador Prof. Lucio Mauro Braga Machado.

Ao meu primo Luiz Antônio Machado, que me ajudou na tradução do resumo para a língua inglesa.

Enfim, gostaria também de agradecer ao leitor, que faz todo meu esforço ter valido a pena.

*“O louco não é o homem que perdeu sua razão,
mas sim aquele que perdeu tudo exceto a razão.”*

(G. K. Chesterton)

RESUMO

Este presente trabalho de abordagem qualitativa e caráter bibliográfico procura responder, a maneira como o autor G.K. Chesterton percebe o conceito de loucura, para isso é necessário a construção de um contexto, começando pela história do autor, depois se desdobrando por seus principais subsídios teóricos e corrente filosófica. Em seguida, irá se trilhar propriamente o conceito de loucura, que se refere não a uma falta de lógica no pensamento, mas sim, em um excesso de racionalidade e uma falta de fertilidade imaginativa e poética. Por fim, é possível perceber que a loucura para G. K. Chesterton é uma forma errada de se pensar, pode até possuir lógica mas sua fundamentação está na razão e não nos Primeiros Princípios, que são a base da realidade.

Palavras-chave: G. K. Chesterton, primeiros princípios, loucura, mistério, realidade.

ABSTRACT

The following paper, which has a qualitative and bibliographic approach, aims to understand the way in which the author G.K. Chesterton perceives the concept of madness. In order to do that, it is necessary to build a context, starting with the author's background, then investigating his main theoretical foundations and philosophical framework, then the concept of madness will be properly understood. According to him, it does not refer to a lack of logic in thought, but rather an excess of rationality and a lack of imaginative and poetic richness. Lastly, it is possible to see that madness for G. K. Chesterton is a wrong way of thinking, it may even have logic, but its foundation is in reason and not in the First Principles, which are the basis of reality.

Keywords: G. K. Chesterton, first principles, madness, mystery, reality.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	QUEM É G. K. CHESTERTON?.....	11
3	PANO DE FUNDO.....	21
3.1	A filosofia moderna.....	21
3.2	Livro Heresies	27
4	LOUCURA EM CHESTERTON	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
	REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais é muito fácil ver alguém correndo na rua, ou com pressa no trânsito, ou até mesmo inquieto parado em qualquer lugar. As palavras como Depressão e Ansiedade estão sendo descobertas por várias pessoas, assim também um aumento na procura por clínicas psiquiátricas, e ao falar-se de psiquiatria uma espécie de pré-conceito surge, o famoso médico de “louco”. Muitos trabalhos já foram desenvolvidos nessa área, principalmente relacionados ao autor Michel Foucault, que escreveu um livro sobre a História da Loucura. Assim a busca de um autor menos conhecido se iniciou.

Gilbert Keith Chesterton é um pensador a ser descoberto no mundo acadêmico brasileiro, possui um pensamento paradoxal, sendo o mesmo capaz de perceber o mundo com um olhar simples e extraordinário ao mesmo tempo. O atual trabalho de pesquisa procura, em um primeiro momento, revelar um pouco sobre o autor, sua história de vida, além de suas contribuições para sociedade. Em um segundo momento, procura compreender o conceito de loucura apresentado por G.K. Chesterton. Para realizar essa tarefa, alguns livros de referência tornam-se necessários, começando pela primeira parte os livros Autobiografia (CHESTERTON, 2012), escrito pelo próprio autor, e Sabedoria e Inocência (PEARCE, 2015) escrito pelo comentador Joseph Pearce mostram-se basilares.

Esse trabalho de pesquisa procura responder uma pergunta. De que maneira G. K. Chesterton comprehende o conceito de loucura? Utilizando de uma metodologia qualitativa de caráter bibliográfico, e tendo como objetivo geral apresentar e identificar a compreensão de G. K. Chesterton sobre o conceito de loucura. Uma breve justificativa para essa pesquisa é o fato de a loucura apresentada pelo autor estar tão próxima do ser, pode ser contemplada em pensamentos isolados, mas também em pensamentos coletivos, é um fenômeno realmente interessante para se pensar.

Depois dessa pequena aproximação, exploraram-se algumas bases de conceitos que sustentam as argumentações sobre “loucura”, para esses subsídios algumas obras em especial são importantes, como Chesterton e o Universo (2008), Hereges (2014a), O que há de errado com o mundo (2013).

Assim já próximos do autor e seu contexto, tanto na questão de seus subsídios filosóficos, quanto na sua forma de perceber a realidade, explora-se o

conceito de loucura, principalmente analisando a obra *Ortodoxia* (2018b) e o *Homem Eterno* (2018a), em que se pode refletir muito a partir de suas explanações. Tal assunto pode parecer um tanto polêmico para algumas pessoas, mas a discussão sobre o tema parece ser muito pertinente para os tempos atuais.

2 QUEM É G. K. CHESTERTON?

Gilbert Keith Chesterton nasceu em Kensington, Londres (Inglaterra), em maio de 1874, sua família pertencia à classe média, seu pai Edward Chesterton era corretor de imóveis e sua mãe Maria Louise Grosjean cuidava da casa e dos filhos. Seus pais cultivavam os ideais vitorianos¹ e gostavam de se intitular como “livres-pensadores”, mas ainda assim por terem amigos religiosos principalmente anglicanos, movidos por certo receio de perderem seu prestígio social, batizaram Chesterton no dia 1 de julho de 1874 em Campden Hill, na igreja de São Jorge. Chesterton teve seis irmãos, sendo que sua irmã Beatrice veio a falecer com apenas oito anos de vida em 1879, a morte dela o marcou profundamente (CHESTERTON, 2012).

Segundo Pearce (2015), dentre as pessoas importantes para Chesterton encontrava-se seu pai Edward, Chesterton descreveu na obra intitulada “Autobiografia” (2012) a importância de seu pai em sua construção pessoal, dentre as aventuras que seu pai lhe inspirou, uma recordação em particular ficou gravada em sua memória, o dia que seu pai lhe apresentou um teatro de bonecos, que possuía “lanternas mágicas”, luzes decorativas, e um conto de fadas que o revestia. Neste conto “A princesa e o duende”, de George MacDonald’s, Chesterton percebeu que a história retratava um embate entre o bem e o mal, e nessa concepção Chesterton se apropriou do pensamento, de que é na moralidade que se encontra a realidade.

Chegando aos seis anos de idade, Chesterton teve uma experiência que o marcou intensamente, descreve-a em seu relato autobiográfico.

Em um instante uma espécie de murmúrio correu ao longo da fila e todos aqueles excêntricos caíram de joelhos na calçada [...] Então, dei-me conta de que uma espécie de cabriolé ou carruagem pequena e escura havia parado [...], e dela saiu um fantasma² envolto em chamas [...], erguendo longos e frágeis dedos para abençoar o povo. E então olhei para sua face e fiquei espantado com o contraste; pois sua face era tremendamente pálida como o mármore e muito enrugada e velha [...], tendo em cada ruga a ruína de uma grande beleza (CHESTERTON, 2012, p. 55).

¹ Era vitoriana (1837-1901), neste período ocorreram várias transformações significativas no desenvolvimento do Reino Unido, sob o comando da rainha Vitória.

² Cardeal H. E. Manning (1808-1892).

Neste relato, Chesterton (2012) descreve seu primeiro encontro com o catolicismo romano, teve um segundo contato, quando tempos depois ouviu a história de São Francisco de Assis, que o incomodou, pois, havia se deparado com uma personagem particularmente paradoxal, S. Francisco na sua pobreza, enriqueceu a Igreja. Chesterton gostou tanto do santo que depois de ouvir sua história começou a chamá-lo de “meu amigo”.

Chesterton cresceu e ganhou um irmão mais novo chamado Cecil, os dois cuidavam um do outro e gostavam de discutir sobre vários temas desde a infância, mesmo quando discordavam da opinião alheia. Assim, sem perceberem, os dois acabaram desenvolvendo uma capacidade de retórica e argumentação incrível, foram capazes de dar respostas rápidas e lógicas incomuns para crianças da sua idade, também neste período Chesterton desenvolveu uma sutil ironia. O pano de fundo da infância de Chesterton neste período foi profundamente agnóstico (ressalvando seu “amigo” São Francisco), sendo assim, seu pai lhe ensinou a perceber a Igreja Católica na história como uma vilã, e os heróis neste tempo foram: Henrique VIII³, Elizabeth⁴, Oliver Cromwell⁵ e Guilherme de Orange⁶, todos exaltados por terem golpeado a igreja (PEARCE, 2015).

Chegou o tempo de ingressar ao colégio e aos doze anos Chesterton entrou na St. Paul School, uma escola pública que possuía credenciais impecáveis. Chesterton não se sentiu atraído pelo aprendizado institucional, afirmou que era instruído por alguém que não o conhecia, sobre algo que não lhe interessava. Chesterton foi considerado como “burro” por seus colegas, e “Asno” intelectual por seus professores, como as aulas não lhe interessavam, ele não se esforçou para ser um aluno exemplar, logo só foi percebido como potencial escritor e possível poeta, anos mais tarde. Suas características físicas foram marcantes para seus colegas, principalmente seu porte físico. Os colegas de sua classe o descreveram como um desengonçado, alto, gordo e possuidor de uma voz grave. O tempo passou e suas características físicas permaneceram. Quando adulto Chesterton lidou com profunda

³ Henrique VIII (1491-1547), Rei da Inglaterra (1509-1547) e fundador da Igreja Anglicana em 1534.

⁴ Elizabeth (1533 - 1603) foi rainha do Reino Unido por 44 anos e seu governo é lembrado como Era de Ouro, tanto pelo período de progresso industrial como pela consolidação do Anglicanismo.

⁵ Oliver Cromwell (1599-1658), suas medidas contra os católicos na Escócia e Irlanda foram caracterizadas como genocídio ou quase-genocídio.

⁶ Guilherme de Orange (1650 - 1702), foi príncipe e monarca de alguns países do Reino Unido, além de ser um dos expoentes principais na chamada Revolução Gloriosa (1688-1689).

leveza sua condição física, aceitava-se com facilidade, até o ponto de fazer piada com seu próprio peso e tamanho em alguns de seus escritos (PEARCE, 2015).

Bentley⁷, grande amigo de Chesterton, descreveu alguns detalhes de sua experiência ao encontrá-lo.

Quando o conheci, era um garoto excepcionalmente alto e desengonçado com uma expressão séria, até mesmo preocupada, que cedia com muita facilidade o lugar a uma risonha felicidade. Era por natureza o garoto e o homem mais feliz que já conheci; mesmo na fase adolescente de tristeza mórbida que tantos de nós atravessamos, e que ele descreveu tão bem, o riso nunca esteve distante, até onde posso me lembrar [...] (PEARCE, 2015, p. 40).

Segundo Pearce (2015), aos dezesseis anos de idade Chesterton gostava de debates, incentivou alguns de seus amigos para oficializarem tal procedimento e acabaram por criar o Clube Juvenil de Debates (CJD) no dia 1 de julho de 1890. Não era esperado, mas o Clube se tornou um sucesso instantâneo e aproveitando tal acontecimento Chesterton (presidente do clube) disse que o CJD poderia vir a ser uma forma de protesto contra as fases inferiores e desagradáveis da vida escolar.

O CJD cresceu e acabou incentivando a criação de outras contribuições para a instituição acadêmica, como o clube de xadrez, uma biblioteca, uma sociedade naturalista e um clube de desenho. Dentro do clube de debates Chesterton publicou sua primeira aparição na imprensa, um artigo intitulado “Dragões”, e posteriormente foram publicados alguns de seus poemas. Chesterton ainda acrescenta que ele e seus amigos acabaram desenvolvendo dentro do clube, pontos de vistas políticos que resultaram na defesa dos ideais socialistas marxistas, o clube deu a Chesterton a oportunidade de falar em um auditório, algo que desejava (PERCE, 2015).

De acordo com Pearce (2015), no verão de 1922, Chesterton entrou em uma competição de poesia e acabou ganhando o Prêmio Milton⁸ com um poema sobre São Francisco Xavier⁹. No final do evento o diretor Walker procurou sua mãe e lhe disse que o menino era “um gênio da cabeça aos pés”. Em dezembro, o CJD chegou a um ponto crítico, Chesterton e seus colegas estavam finalizando seus estudos no colégio e começaram a se preparar para universidade, depois de

⁷ Edmund Clerihew Bentley (1875-1956), escritor, romancista e humorista, inventor do estilo “Clerihew”. Dedicou a G. K. Chesterton seu famoso livro “O último caso de Trent”.

⁸ Prêmio inspirado no poeta John Milton (1608-1674)

⁹ Santo da Igreja Católica (1506-1552), foi missionário e cofundador da Companhia de Jesus.

algumas reuniões decidiram fechar o clube, e em fevereiro de 1893 fizeram sua última publicação. Chesterton começou a estudar “Belas Artes” no University College em Londres, mas com apenas um ano de estudo optou por desistir. Com o fechamento do clube Chesterton percebeu que tinha perdido seus amigos, seu espaço e sua audiência. Assim iniciou um período turbulento em sua vida e várias dúvidas começaram a assaltar sua mente.

Neste cenário, Chesterton percebeu um sentimento de amor e perda, muito parecido com o que ele havia sentido quando sua irmã veio a falecer, e uma recorrente depressão o abraçou nutrida ainda pelas suas dúvidas interiores sobre o universo e a verdade, e preso por uma morbidez desgastante. Chesterton, não encontrando saída para sua “crise” interior, começou a buscar respostas em lugares como o catolicismo, o protestantismo, o paganismo, o agnosticismo, o socialismo e o empirismo (PEARCE, 2015).

Chesterton (2012) em meio a esse turbilhão de dúvidas acabou conhecendo Frances Blogg, filha de um mercador de diamantes, aproximou-se dela e de sua família, percebeu que ela era uma luz, que iluminou seus pensamentos, deu-lhe um novo ânimo, deu-lhe a possibilidade de sonhar novos planos, a vida se tornou colorida novamente e as cinzas que o cercavam desapareceram aos poucos. Nesse processo, Chesterton acabou pedindo-a em namoro e casaram-se em 28 de julho de 1901 na igreja paroquial de Kensington.

Segundo Pearce (2015), para ter uma melhor compreensão da relação dos dois, é interessante observar quando Chesterton se apontou dizendo que era apenas uma metade de um quadrúpede, e a outra metade era sua esposa que caminhou ao seu lado em tudo o que fez, eles se consideravam “um” no sentido místico que envolve o mistério do casamento. Nesse ponto, Frances exerceu uma enorme influência em seus pensamentos e crenças, sendo ela o silêncio poderoso no qual Chesterton encontrava a paz.

No dia 8 de fevereiro de 1901, Chesterton escreveu uma carta para a esposa relatando que seus escritos começaram a atrair a atenção de vários leitores em geral, e, ao mesmo tempo, começou a ganhar uma reputação como jornalista, pois estava escrevendo artigos regulares para as revistas Speaker e Daily News (PEARCE, 2015).

Conforme cresceu sua reputação, alguns escritores começaram a trocar pontos de vistas com Chesterton (2012), dentre esses escritores pode-se citar

Bernard Shaw, que chegou até batizá-lo de “Chesterbelloc”, fazendo uma sátira à amizade que Chesterton tinha com Hillaire Belloc. Belloc foi outra pessoa que marcou a vida de Chesterton, conheceram-se no tempo de escola e com o passar do tempo tornou-se possível perceber as influências de um sobre o outro, sendo que Chesterton deu a Belloc uma refinada visão filosófica e o mesmo retribuiu dando a Chesterton uma ampla perspectiva da história europeia, que permitiu assim uma compreensão da Inglaterra em um contexto mais abrangente.

Belloc era inteligente e estudava muito sobre economia, a partir de seus estudos desenvolveu uma teoria de modelo econômico, denominada como “Distributismo”¹⁰, Chesterton abraçou a ideia ao ponto de anos mais tarde Belloc dizer que ele podia até ser o “fundador do pensamento”, mas o crédito da propagação da ideia se dava a Chesterton o “missionário”. O desenvolvimento do Distributismo se deu principalmente porque os dois não perceberam o capitalismo como uma forma saudável de economia, nem o socialismo (PERCE, 2015).

Segundo Pearce (2015), a carreira jornalística de Chesterton cresceu rapidamente, sendo que em outubro de 1902 ele conseguiu publicar seu segundo livro de ensaios, conhecido como “Doze tipos”, no qual ele se afasta das trivialidades e escreve sobre doze pessoas famosas e assim começou a andar sobre um terreno perigoso, e levantou não somente as sobrancelhas de seus leitores, mas também objeções.

Chesterton acreditava que iria provocar uma revolução no jornalismo devido a sua ideia de introduzir a prática da prosa poética em seus escritos para o jornal, Chesterton foi assertivo em seu pensamento como se pode ver no fragmento abaixo.

As ideias de Chesterton logo se tornaram realidade, pois seu estilo particular de prosa poética misturada com jornalismo formava uma mistura volátil. Hammond, o editor do Speaker, mostrou-lhe cartas “de professores de Cambridge e outras pessoas do mesmo tipo exigindo saber a identidade de G. K.C. em um tom bastante violento. Justificam –se com frases ofensivas em que figura a palavra ‘brilhante’ ...” (PEARCE, 2015, p. 109).

¹⁰ O Distributismo é uma teoria econômica social que propõem uma terceira via entre o socialismo e o capitalismo, baseada na Doutrina Social da Igreja Católica considera a propriedade privada como a principal garantia de liberdade política e do sustento do homem.

O Sir Arthur Quiller-Couch¹¹ também teceu comentários a respeito dos escritos de G. K. Chesterton.

Sir Arthur Quiller-Couch escreveu no Bookman sobre a “corajosa inocência” de Chesterton e comentou que “as ocorrências mais ordinárias do mundo são maravilhosas aos seus olhos, e seu otimismo procede de um benedito contentamento com um planeta que proporciona tantos milagres diários” (PEARCE, 2015, p. 109).

Em um trecho do livro de Chesterton, traduzido como *O Defensor*, fica evidente sua forma de escrita que mistura a prosa e a poética, além de fazer uma espécie de provocação.

... Por alguma misteriosa razão este hábito de compreender a ciência, e todos os perturbadores portentos pregados por Galileu e Newton caíram em ouvidos surdos. Pintaram uma imagem do universo comparada com a qual o Apocalipse com suas estrelas cadentes em um mero idílio. Declararam que estamos voando pelo espaço agarrados a uma bala de canhão, e os poetas ignoraram o assunto como se fosse um comentário sobre o clima. Dizem que uma força invisível nos prende a nossas poltronas enquanto a terra voa como um bumerangue, e os homens ainda recorrem a livros empoeirados para provar a misericórdia de Deus. (CHESTERTON, 2014c, p. 2259, tradução nossa)

No ano de 1902, Chesterton já era considerado uma espécie de celebridade, mas a sua fama ainda não lhe proporcionou maior poder aquisitivo, estava longe de ser rico. Gostava de ler muito, um pouco de tudo, acabou conhecendo Rann Keneddy que possuía uma imensa biblioteca em sua casa, os dois acabaram se tornando amigos, e sempre que Chesterton ia visitá-lo saía de sua casa com os bolsos cheios, esses livros davam o embasamento necessário para o desenvolvimento de seus escritos, logo Keneddy foi uma fonte de nutrição intelectualmente para Chesterton (PEARCE, 2015).

Pearce (2015) afirma que Chesterton acabou se envolvendo em um debate com Robert Blatchford, editor do Clarin (Jornal argentino) e esse debate acabou se tornando uma linha divisória em sua carreira, pois até este momento Chesterton não havia manifestado de forma clara suas convicções e crenças para seus admiradores. Chesterton se declarou cristão e depois desse evento, na maioria dos

¹¹ Arthur Quiller-Couch (1863-1944), foi um escritor britânico e ficou conhecido por sua obra “Oxford Book of English”.

debates que participou, os mesmos acabavam se voltando para “discussões” sobre o cristianismo, direta ou indiretamente.

Nesse mesmo ano, Chesterton foi convidado para escrever a biografia de Robert Browning¹², que até o momento foi o encargo de maior prestígio, pois o livro acabou se tornando um best-seller. Os críticos de seus escritos perceberam algo estranho, por um lado, alguns gostaram da história e da forma que Chesterton prendeu o leitor ao texto, mas, por outro lado, as informações apresentadas por Chesterton eram desconexas de outras biografias. Tempos depois, Chesterton admitiu que escreveu mais sobre a sua própria infância do que sobre a vida de Browning. Chesterton também escreveu uma segunda biografia completa, agora do pintor George Frederick Watts, entretanto no meio da biografia Chesterton acabou escrevendo aforismas provocadores próprios, como, por exemplo: “A pureza é o único clima que é possível para à paixão”. O Pintor morreu um ano antes da publicação da obra, mas segundo afirmação de sua esposa o Sr. Watts havia ficado muito satisfeito com o livro (PEARCE, 2015).

No ano de 1904, em que Chesterton (2012) escreveu o livro “O Napoleão de Notting Hill”, um romance ao qual o próprio Chesterton o considerou como sua primeira obra importante, a história que cerca o surgimento do livro retrata a delicada situação financeira em que Frances e Chesterton estavam enfrentando, sua esposa ficou furiosa, pois Chesterton pegou tudo o que restava de suas economias e saiu sem dar satisfações.

Eu estava ‘quebrado’ - apenas dez shillings no bolso. Deixando em casa minha preocupada esposa, percorri Fleet Street, fui fazer a barba, e depois entrei no Cheshire Cheese e pedi para mim um enorme banquete com os meus pratos favoritos e uma garrafa de vinho. Gastei tudo mas depois pude ir fortalecido falar com os meus editores. Disse-lhes que queria escrever um livro e fiz um esboço da história de O Napoleão de Notting Hill. Mas preciso de vinte libras - disse-lhes - antes de começar... Eles me deram (PEARCE, 2015, p.135).

O livro marcou algumas pessoas da época como Ronald Knox¹³ (tinha apenas 16 anos), Michel Colins que veio a se tornar um político irlandês e líder da Sinn Féin, o mesmo fez um acordo com a Bretanha em 1921 e disse que sua grande

¹² Robert Browning (1812-1889), foi um poeta e dramaturgo inglês, conhecido também por sua famosa frase: “A vida tem uma significação e o meu dia a dia é procura-la”.

¹³ Ronald A. Knox (1888-1957), foi um sacerdote inglês da igreja católica, ficou conhecido principalmente por suas histórias de detetives.

inspiração foi seu livro favorito “O Napoleão de Notting Hill”. Terry Pratchett¹⁴ é outro admirador dessa obra e de outras publicadas por Chesterton afirmando que seus escritos em pequenas doses são bons para alma (PEARCE, 2015).

Segundo Pearce (2015), ainda em 1904, Chesterton escreveu sobre os perigos da política do orgulho, profetizava sobre os perigos da ditadura e que a negação do livre arbítrio poderia evoluir para a negação política da liberdade. Disse isso uma década antes da primeira guerra e três décadas antes do surgimento do Terceiro Reich.

Chesterton escreve uma carta para Blatchford:

O egoísmo não é uma doença, um acidente anormal... O egoísmo é um perigo natural e contínuo que surge da existência do eu... Enquanto você folheia os volumes mofados do primitivo materialismo vitoriano, coisas novas estão acontecendo: uma nova e feroz filosofia da oligarquia e da minoria sábia está se espalhando da Alemanha por todo o mundo. Nós temos uma resposta lógica para esta filosofia. Você não. Temos uma base de defesa da democracia. Você não tem nenhuma. Nossa resposta é: Não existe uma minoria sábia; pois em todos os homens está presente a loucura do Pecado Original. Tomem os homens mais fortes, mais felizes, mais belos, de melhor berço, os mais bem alimentados e educados homens sobre a terra e deem-lhes poderes especiais por meia hora; porque são homens, começarão a comportar-se mal" (PEARCE, 2015, p. 123).

No ano de 1905, Chesterton lançou seu livro intitulado como *Heresies*, que criticou o caminho filosófico de alguns autores como Nietzsche, Tolstói, Ibsen, Shaw, entre outros. O livro foi polêmico e causou várias discussões. Neste cenário, Chesterton desenvolveu sua ideia de Heresia que está diretamente ligada à ideia de Ortodoxia. No livro Chesterton fez uma investigação sobre a premissa dos pensamentos dos autores, depois procurou mostrar seus paradoxos e incoerências. Chesterton não faz uma crítica aos pensamentos práticos, mas sim às fontes que sustentam as ideias práticas. Logo recebeu várias críticas, principalmente dos autores que estavam descritos em seu livro. G.S. Street o desafiou a escrever sua filosofia de vida, e para responder tal provocação Chesterton escreveu algum tempo depois seu livro intitulado como “Ortodoxia” (PEARCE, 2015).

Chesterton declarou guerra também à filosofia de Nietzsche: “O Super-Homem de Nietzsche é frio e solitário... Um grande homem não é um

¹⁴ Terry Pratchett (1948-2015) foi uma escritor inglês, conhecido principalmente pelos seus livros da série “Discworld”.

homem tão forte que sente menos do que os outros homens, é um homem tão forte que sente mais. E quando Nietzsche diz ‘dou-lhes um novo mandamento, sejam duros’, na realidade está dizendo ‘dou-lhes um novo mandamento, morram.’ a sensibilidade é a definição da vida. (PEARCE, 2015, p. 149)

Segundo Pearce (2015), em 1908, Chesterton escreveu seu segundo romance “O Homem que era Quinta-Feira” e lançou o livro Ortodoxia. Sendo esse considerado uma de suas obras primas, onde descreveu sua filosofia de vida e sua forma de perceber o mundo e a realidade. Foi uma resposta para seus críticos, que depois acabou influenciando autores como C.S. Lewis.

Chesterton começou a escrever sua famosa série de detetive da personagem Padre Brown em 1910, inspirado no Padre John O’Connor que foi uma grande influência para sua conversão ao catolicismo romano. Chesterton lançou continuações dessa série, principalmente para manter financeiramente os estudos de algumas crianças que ele havia assumido como uma espécie de padrinho. Suas histórias de detetive fizeram tanto sucesso que em 1954 uma produtora britânica lançou o filme “Padre Brown, o Padre Detetive” (PEARCE, 2015).

Em 1914, Chesterton passou mal durante uma conferência e precisou ser levado imediatamente para casa, quando o colocaram na cama a mesma quebrou, sua esposa ficou desesperada com a situação, Chesterton chegou a ficar 24h inconsciente e no outro dia quando ele começara a recobrar a consciência, Frances perguntou se ele conhecia quem estava ali cuidando dele, a resposta obtida foi: “Deus!”. Chesterton ficou doente durante vários meses, sua esposa chegou a achar que o marido fosse falecer e surpreendentemente na festa de Páscoa o autor recobrou sua saúde (PEARCE, 2015).

Quatro anos mais tarde, uma triste notícia assolou a família Chesterton, Cecil acabou falecendo durante a guerra na França no dia 06 de dezembro. Essa notícia abalou Chesterton duramente, pois os dois eram muito próximos. Depois de um tempo o autor escreveu um texto sobre seu irmão em sua autobiografia no qual o presta homenagem por sua coragem. Chesterton se converteu para a Igreja Católica Apostólica Romana em 1922, não fizera antes por respeito a sua esposa, não queria estar sozinho nesse caminho. Aconteceu que sua esposa em 1926 também acabou aderindo à escolha do marido (CHESTERTON, 2012).

Nos anos seguintes, Chesterton continuou produzindo textos e lançando livros como “São Francisco de Assis”, “São Tomás de Aquino”, “O Homem Eterno”, e

“Autobiografia”. Uma breve mensuração de suas obras, o autor escreveu cerca de oitenta livros, cento e oitenta contos, mais de três mil e setecentos ensaios, além de várias peças teatrais. Antonio Gramsci o considerou como um grande artista, Bernard Shaw o considerou como um Gênio Colossal, Étienne Gilson o considerou como um dos pensadores mais profundos que já existiu (PEARCE, 2015).

Chesterton em sua casa, aos 62 anos no dia 14 de junho de 1936, recebeu o sacramento da Unção dos Enfermos, minutos depois perdeu a consciência, e às 10h20min faleceu, na semana estavam acontecendo as festividades de Corpus Christi, festa na qual 14 anos atrás estava sendo batizado. O Papa Pio XI escreveu um telegrama expressando seus sentimentos, e chamou Chesterton de “o defensor da Fé Católica”, concedeu a ele o título de Fidei Defensor¹⁵ (PEARCE, 2015).

Em 1970 o cardeal Albino Luciani (futuro João Paulo I) expressou em seu livro um comentário a Chesterton.

Querido Chesterton, tu e eu não duvidamos em colocarmo-nos de joelhos, mais diante de um Deus mais atual que nunca. Só ele, de verdade, pode dar uma resposta satisfatória a estes três problemas, que são para todos os mais importantes: “Quem sou eu?”; “De onde venho?”; “Para onde vou? (LUCIANI, 1979, p. 27).

Depois dessa pequena exposição sobre a vida de Chesterton, abordar-se-á sobre subsídios teóricos, e por fim analisar-se-á seu conceito de loucura.

¹⁵ Fidei Defensor significa “Defensor da fé”. Título dado também ao Papa Leão X, e Henrique VIII antes de romper seus vínculos com a igreja católica.

3 PANO DE FUNDO

Antes de abordar o conceito de loucura em si, faz-se necessário uma breve introdução à forma com que Chesterton percebe a filosofia e o mundo, para isso a referência é o autor Scott Paine para apresentar uma leitura do Universo de Chesterton.

Chesterton se encantou com a Filosofia Antiga, principalmente com Aristóteles. Surpreendeu-se com a releitura aristotélica que Santo Tomás de Aquino fez em seus escritos, e foi um grande admirador da Escolástica. Essas referências são notórias em seus escritos. Chesterton defendia o Realismo Moderado de Santo Tomás de Aquino e criticava o Idealismo Alemão, assim como algumas ideias dos pensadores em específico: Descartes, Kant e Husserl, que, segundo ele, beberam do pensamento oriental e colocaram em dúvida o mundo em que se vive. Chesterton aponta alguns problemas que se encontrarão ao questionar-se a realidade do mundo, e a partir desse plano de fundo ele traz o “louco” em cena (PAINÉ, 2008).

3.1 A filosofia moderna

No ano de 1900, Chesterton começou a publicar obras, e nesse mesmo período pode-se perceber que vários autores começaram a surgir, assim como Sigmund Freud que lançou sua obra “A interpretação de sonhos”, Edmund Husserl que lançou “Investigações lógicas”, o físico Max Planck descobriu uma nova constante fundamental, que pode ser utilizada para calcular fóton. Plank descobriu posteriormente a lei da radiação térmica que serviu como base para o desenvolvimento da teoria quântica. Nas artes, pode-se citar Arnold Schonberg que estava finalizando seu sexteto de cordas “A noite transfigurada”. E um livro em especial também estava influenciando profundamente à vida de muitas pessoas, trata-se do livro “A origem das espécies” de Charles Darwin (PAINÉ, 2008).

Nesse cenário, Chesterton observou como a maioria das pessoas e pensadores estavam focados em analisar “fragmentos”, recortes pequenos, objetos isolados, moléculas, em outras palavras, uma espécie de “moda” surgiu, a de olhar o mundo através de um microscópio. Chesterton percebeu com as ideias de Darwin que algumas pessoas focaram no passado, ao ponto de acabarem criando estórias que não podem ser comprovadas, percebeu que as ideias de Freud estavam

levando algumas pessoas a conceberem um mundo cristalizado, um mundo determinado, causando uma espécie de parálisia na liberdade do ser, percebeu que os matemáticos e físicos estavam reduzindo o mundo a números, como se o universo coubesse dentro da lógica. Chesterton se vê preocupado com isso e chama atenção de seus leitores para que não se esqueçam de tirar o microscópio, ou o telescópio ao olharem o mundo e o perceberem primeiramente sem lentes (PAINÉ, 2008).

O mundo moderno está cheio de fenômenos peculiares a ele mesmo - quero dizer, o espetáculo de coisas pequenas ou originariamente pequenas que cresceram em tamanho e em poder. O mundo moderno é como um mundo no qual cogumelos deveriam ser árvores enormes, e insetos deveriam caminhar ao sol como grandes elefantes. Assim, o lojista, por exemplo, quase uma figura menor sem importância em estados bem organizados, tornou-se nos dias de hoje um milionário e tem mais poder do que dez reis [...] Resumindo: nossa época é uma espécie de selva maravilhosa na qual algumas das mais altas ervas daninhas e flores se originaram das menores sementes (CHESTERTON, 1911, P.115-116).

Segundo Paine (2008), torna-se necessário um afunilamento das ideias em desenvolvimento, primeiro é importante ressaltar que Chesterton se identifica com o conceito de senso comum Aristotélico, ou seja, de que o ser humano adquire conhecimento verdadeiro pela experiência, assim como também pela tradição. Aristóteles percebe que o ser é capaz de refletir a partir da tragédia, logo o ser se identifica em sua condição de falimento, e olhando para seus antepassados pode realizar um processo racional e lógico de perceber os caminhos não assertivos que custaram a vida, e procurar evitá-los. A orientação de Chesterton é contrária à ideia de um cientificismo, ou seja, um conhecimento só é verdadeiro se é diagnosticado por um cientista.

Chesterton apresenta algo aparentemente estranho aos ouvidos desatentos, a ideia da tradição como uma legião de homens e mulheres que deram ao ser humano do século XX a herança do conhecimento, e que todo o conhecimento que se conseguiu desenvolver até hoje, é graças aos erros e acertos dos nossos ancestrais, e nessa exposição o autor descreveu a tradição como a democracia dos mortos, assim a tradição é um segundo ponto para se observar. O autor diz: “Tradição significa conceder votos à mais obscura de todas as classes: nossos ancestrais. É a democracia dos mortos. A tradição recusa submeter se a essa

arrogante oligarquia que meramente ocorre estar andando por aí" (CHESTERTON, 2018b).

Pode-se perceber um terceiro ponto à sã filosofia. Chesterton comprehende que um camponês consegue desenvolver essa sanidade filosófica.

O camponês representa simplesmente o núcleo comum da humanidade sã, ainda ligada de modo bem físico a terra, e, portanto, apresenta a apreciação mais abrangente do mundo e de sua variedade de causas subordinadas. A filosofia caseira do camponês é o senso comum da humanidade. Em tempos mais sãos, o camponês preservou-a, e apenas alguém como ele será capaz de fazê-lo no futuro (PAINÉ, 2008, p.50).

Trazendo para o afunilamento um quarto ponto, elenca-se a virtude, que como na perspectiva aristotélica a mesma na maioria das vezes está na mediania das ações, o equilíbrio é o peso que sustenta a felicidade, e para Chesterton a sociedade moderna esqueceu-se das virtudes.

Nem todas essas novas teorias são desprovidas de valor. Chesterton escreverá em Orthodoxy que o problema do mundo moderno não está tanto em seus vícios, mas em suas Virtudes que enlouqueceram.

Poder-se-ia extrapolar essa observação e afirmar que outro problema do mundo moderno é não só sua falsidade, mas suas verdades enlouquecidas -e tampouco novas verdades mas, ao contrário, verdades antigas em novo isolamento (PAINÉ, 2008, p. 48).

Tendo presente esses apontamentos, tornou-se mais claro os escritos de Chesterton. A partir disso buscar-se-á analisar a ideia dos primeiros princípios, tão defendidos pelo autor. Para facilitar a compreensão, o comentador Paine traz três autores que percorreram um caminho diferente, são eles: René Descartes, Immanuel Kant e Edmund Husserl.

Chesterton ao escrever sobre Descartes observa a semelhança de sua teoria com a doutrina hinduista: "Os hindus pensam que o mundo não está realmente aí", Descartes desenvolveu uma conclusão para suas dúvidas, o famoso "Penso, logo existo!". Descartes percorreu esse caminho, duvidando da matéria e dos sentidos, percebendo que tudo poderia ser proveniente de uma ilusão ou espécie de miragem, mas que a única coisa que ele mesmo não poderia estar enganado era de sua própria dúvida. Neste sentido, Chesterton critica a escolha de Descartes que parte da negação do mundo, desmerecendo-o. Buscar uma fonte ou

princípio alternativo, e o mais perigoso nesse movimento é quando o princípio só existe dentro da cabeça, ou seja, na razão. Quando o “ter ideias”, tão defendido por Descartes vem antes do “conhecer das coisas” um grande problema pode aparecer, o de as ideias se tornarem maiores que as coisas, causando assim uma distorção na percepção da realidade do sujeito (PAINÉ, 2008).

Estou certo de que não posso ir além dessa desconfiança [...] [De onde esse sentimento de certeza?], uma vez que agora não é uma questão de representação, mas apenas de meditação e de aprendizagem. Considerarei, portanto, não a Deus, que é muito bondoso e a suprema fonte da verdade, mas a um certo espírito do mal, não menos talentoso e enganoso do que poderoso, que tem aplicado todos os seus esforços para iludir-me. Considerarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as formas e os sons, e todas as outras coisas objetivas que vemos, não passam de ilusões e sonhos que ele usou para enganar minha credulidade. Considerarei a mim mesmo como não o tendo mãos, olhos, carne, sangue, nem qualquer sentido, mas acreditando falsamente que possuo todas essas coisas. Permaneceria decididamente vinculado a essa hipótese e, se não conseguir alcançar o conhecimento de qualquer verdade por meio desse método, de qualquer forma estará em minhas mãos suspender meu julgamento [...] (DESCARTES, 1960, p. 8, tradução livre).

Chesterton, ao escrever sobre Kant, observa que no início Descartes duvidou dos primeiros princípios e seguiu um caminho por um ponto de partida diferente, abrindo assim a porta para vários pensadores se inspirarem nessa possibilidade, inclusive Kant. Descartes submeteu o mundo a uma dúvida, enquanto Kant submete nosso conhecimento a uma crítica. Na crítica da razão pura, Kant termina por dar ao conhecimento da existência cósmica, o status de simples “ideia reguladora”, que não corresponde em nada em nossa experiência objetiva (PAINÉ, 2008).

A analogia da experiência não é, pois, mais do que uma regra segundo a qual a unidade da experiência (não a percepção mesma como intuição empírica em geral) deve resultar de percepções e se aplica aos objetos (fenômenos) simplesmente como princípio constitutivo. Assim sucede com os postulados do pensamento empírico em geral, que se referem ao mesmo tempo à síntese da simples intuição (da forma de fenômeno), à da percepção (da matéria do fenômeno) e à da experiência (da relação dessas percepções) (KANT, 2021, p. 90).

Paine (2008) faz uma construção bem elaborada com coerência histórica sobre o desenvolvimento das ideias de Descartes e Kant em relação aos primeiros princípios, mas como o foco desse trabalho é o conceito de loucura, não se aprofundará muito em detalhes sobre esses autores e inclusive sobre o próximo.

Chesterton observa que Husserl ao falar sobre o universo, coloca-o em “parênteses”. Sobre Husserl é importante ressaltar que ele passou por algumas fases, mas o que é importante para a pesquisa é o desenvolvimento de seu método fenomenológico, que, segundo Paine, possui uma pretensão de ensinar uma programação à inocência cognitiva, e para isso o sujeito pode utilizar da “ferramenta” chamada por Husserl de “reduções”, esse método promete ultrapassar as “meditações” cartesianas e sua dúvida metodológica. Ao invés do sujeito observador se desgastar com as dúvidas sobre o objeto observado, Husserl propõe que o observador “retenha-se” de um pré-juízo sobre o objeto observado. Essa “retenção” é explicada por Husserl como “epoché”, que é necessária para que o fenômeno (a coisa observada ou “coisa em si”), se mostre. Sobre esse método de Husserl o comentador Paine diz:

Quando Husserl trabalha com afincos no fenômeno, e “bota entre parênteses” tudo que é dispensável, um “dispensável” é escoltado para dentro dos parênteses, não com a civilidade e a educação de um cavalheiro, mas, ao contrário, com a persuasão férrea de uma alavancas. Sem piscar os olhos, Husserl nos pediu para empurrar algo entre esses estreitos colchetes que nenhum homem, nem remotamente, teria associado a parênteses: toda a expansão do universo! (PAINÉ, 2008, p.97)

E sobre o método de Husserl, Chesterton vai dizer:

Não nego que às vezes seja uma boa coisa esvaziar a mente da mera acumulação de impressões secundárias e terciárias. Se o que se quer dizer é algo que um amigo meu uma vez chamou de “uma faxina mental da primavera”, então posso perceber o que significa. Mas a mais drástica faxina de primavera numa casa geralmente não destrói a casa. Ela não derruba o teto como o faz com uma teia de aranha, nem arranca as paredes como o faz com ervas daninhas. E a verdadeira formula não é tanto a mente vazia como a descoberta de que não podemos esvaziar a mente, ao esvaziá-la tanto quanto pudermos. Em outras palavras, podemos sempre voltar a determinados fundamentos que são convicções porque mal podemos conceber seus opostos. Mas é o paradoxo da linguagem humana que, apesar dessas verdades estarem de certo modo incomparavelmente firmes e claras, mesmo assim qualquer tentativa de falar sobre elas sempre tem a aparência de ser nebulosa e evasiva. (CHESTERTON, 1923, p.43, tradução livre)

Sobre a capacidade de conhecer do ser humano, pode-se perceber que a primeira saudação do universo é um fundamento a ser entendido. Embasado em Aristóteles, particularmente em sua física, Chesterton expõe que existe apenas um caminho para se perseguir a trilha da realidade. Esse caminho é descrito como um

caminho natural e óbvio, partir das coisas mais reconhecíveis, comuns e claras por natureza. Paine descreve em suas palavras a partir do livro “*Physics*” de Aristóteles, um comentário sobre esse caminho.

Ora, o que a princípio parece evidente e óbvio são na verdade massas confusas, cujos elementos e princípios se tornam conhecidos para nós mais tarde, pela análise. Assim, devemos ir das generalidades para o particular; pois é um todo que é mais bem conhecido pela percepção sensorial, e a generalidade é uma espécie de todo, abrangendo muitas coisas nela própria como partes. (PAINE, 2008, p.100)

O comentador Paine (2008) aponta uma frase de Aristóteles na qual diz: “Nossa discussão será adequada se tiver tanta clareza quanto comporta o assunto, pois não se deve exigir precisão em todos os raciocínios por igual (...)”¹⁶, assim quando pensa-se sobre o próprio mundo, a precisão fica confusa. Tanto Aristóteles quanto Descartes chegaram à mesma resposta sobre a falta de precisão. A diferença entre os dois pensadores é que Descartes se recusou a vincular-se com um princípio tão impreciso, enquanto Aristóteles expressou que deve-se contentar com esse princípio impreciso, pois é o único que temos. Para Aristóteles o mundo é indistinto e o ponto inicial da filosofia, e caso se inicie uma discussão, pensamento ou teoria por outro ponto de partida ou coisa, parar-se-á de se filosofar. Neste sentido, a crítica feita ao filósofo moderno é que o mesmo geralmente inicia com precisão, mas muitas vezes, não segue precisamente todo o roteiro da forma como iniciou. Chesterton faz um comentário sobre isso:

Para quase todos os sistemas morais e metafísicos modernos, segundo afirmações dos próprios modernos, deveria contentar me em acrescentar o comentário: "Xeque-mate em três movimentos. Isto é, esses pensadores acabaram em posições já condenadas pelas leis do pensamento; ou, para mudar a figura de matemática para militar, suas posições são flanqueadas, suas comunicações interrompidas e suas munições obviamente acabando. Em muitos casos, sua forma de revolta é do tipo que pode ser feita apenas por uma espécie de formação temporária (CHESTERTON, 1950, p.197).

A esse ponto se torna necessário dizer que Chesterton não está menosprezando algumas descobertas, ou verdades, percebidas pelos três autores mencionados acima. A crítica de Chesterton é ao isolamento do pensamento e as suas desconexões, ou melhor, distorções que acabam por ocorrer na percepção da

¹⁶ Citação retirada do livro, Ética a Nicômaco, livro III, p.250.

realidade ao se olhar para a mesma como uma fragmentação. Neste sentido Chesterton insiste na defesa da saudação aos primeiros princípios.

Existe por trás de todas nossas vidas um abismo de luz, mais ofuscante e mais impenetrável que qualquer abismo de escuridão: é o abismo da realidade, da existência, do fato de as coisas realmente existirem, e do de nós mesmos sermos, incrivelmente, e às vezes incredulamente, reais. E o fato fundamental de ser em oposição a não ser; é impensável, mas não podemos pensar sem ele, apesar de podermos, às vezes, não reconhecer o fato - e sem reconhecimento nos dois sentidos da palavra. Pois aquele que comprehende essa realidade sabe que ela é muito mais importante, infinitamente mais importante, que todos os lamentos e argumentos menores a favor da negação, e que por trás de todos os nossos resmungos existe um substrato inconsciente de gratidão (CHESTERTON, 1932, p.36, livre tradução).

Essa breve introdução sobre os primeiros princípios e os apoios filosóficos em que Chesterton se baseia é muito relevante para compreensão do conceito mais a frente abordado. Neste momento da pesquisa, percebe-se a necessidade de apresentar ainda algumas argumentações de Chesterton sobre alguns pensadores de sua época, para poder analisar sua forma de compreensão filosófica, utilizar-se á seu livro intitulado “Hereses” no qual ele expõe sua opinião sobre algumas teorias filosóficas.

3.2 Livro Hereses

No começo do livro, Chesterton já propõem uma estória alegórica que ilustra o seu discurso sobre a teoria da praticidade.

Suponhamos que surja em uma rua grande comoção a respeito de alguma coisa, digamos, um poste de iluminação a gás, que muitas pessoas influentes desejam derrubar. Um monge de hábito cinza, que é o espírito da Idade Média, começa a fazer algumas considerações sobre o assunto, dizendo à maneira árida da Escolástica: “Consideremos primeiro meus irmãos, o valor da luz. Se a luz for em si mesma boa...”. Nesta altura, o monge é, compreensivelmente, derrubado. Todo mundo corre para o poste e o põe abaixo em dez minutos, cumprimentando-se mutuamente pela praticidade nada medieval. Mas, com o passar do tempo, as coisas não funcionam tão facilmente. Alguns derrubam o poste porque queriam a luz elétrica; outros, porque queriam o ferro do poste; alguns mais, porque queriam a escuridão, pois seus objetivos eram maus. Alguns se interessavam pouco pelo poste, outros, muito; alguns agiram porque queriam destruir os equipamentos municipais; outros porque queriam destruir alguma coisa. E a uma guerra noturna em que ninguém sabe a quem atinge. Então aos poucos e inevitavelmente, hoje, amanhã ou depois de amanhã, voltam a perceber que o monge, afinal, estava certo, e que tudo depende de qual é a filosofia da luz. Mas o que poderíamos ter discutido sob a lâmpada a gás, agora teremos que discutir no escuro. (CHESTERTON, 2014a, p.48)

Chesterton aponta que há alguns séculos as pessoas se orgulhavam ao serem chamadas de “Ortodoxas”, pois tal palavra tinha relação com estar certo, ou estar no caminho certo. Chesterton percebe que no século XX as pessoas se preocupam menos em estar filosoficamente certas, e diz que se existe algo mais absurdo que queimar um homem por sua filosofia, é o hábito de dizer que sua filosofia não importa. Algumas ideias acabaram se tornando contraditórias e Chesterton aponta, por exemplo, que o próprio ateísmo para os olhos do mundo atual, é muito teológico. A revolução é, em grande parte, um sistema; a liberdade é, em grande parte, uma repressão. Está se tornando uma espécie de cultura, na qual o sujeito: “pode mudar de opinião e explorar milhões de objetos, mas não deve encontrar aquele objeto estranho, universo, pois se o fizer, terá uma religião, e estará tudo perdido. Tudo tem importância, exceto tudo” (CHESTERTON, 2014a).

Chesterton (2014a) percebe que a ideia moderna é a de que a verdade universal é tão sem importância que não importa o que cada um diz, o autor observa também o fato de existir tão pouca argumentação sobre a natureza do homem, sendo que nestes tempos, qualquer um pode falar sobre o assunto. Segundo Chesterton a velha restrição significava que somente o ortodoxo podia discutir religião. A moderna liberdade significa que ninguém pode discuti-la.

Ora, em nossa época, a filosofia ou a religião, ou seja, a teoria das coisas fundamentais foi expulsa mais ou menos ao mesmo tempo dos dois campos que costumavam ocupar. As ideias gerais costumavam dominar a literatura. Foram de lá expelidas pelo clamor da “arte pela arte”. Ideias gerais costumavam dominar a política. Foram de lá expelidas pelo clamor da “eficiência”, que pode ser traduzido grosseiramente por “política pela política”. [...] As teorias gerais sobre as relações foram extirpadas de ambas; e estamos na posição de se perguntar: “O que ganhamos ou perdemos com essa expulsão? Será que a literatura melhorou, a política melhorou por ter descartado o moralista e o filósofo?”. (CHESTERTON, 2014a, p. 41-42)

Quando se fica doente é que se procura um médico. Nesse sentido Chesterton argumenta que quando o povo enfraquece e se torna ineficiente, o mesmo começa a falar sobre eficiência, e em contraposição, nos apresenta que organismo saudável e forte não fala de seus processos, mas sim de seus objetivos. Segundo essa linha de raciocínio, poder-se-ia dizer que não há melhor prova de eficiência física de um homem que sua animação ao falar de uma viagem ao fim do mundo. Um sinal que aponta para saúde do povo seria sua tendência de buscar

ideais elevados e extravagantes, pois é no primeiro vigor da infância que se pensa em alcançar a lua (CHESTERTON, 2018b).

Assim o hábito de generalizar e idealizar não significa fraqueza, pode-se ver que o tempo das grandes teorias, foi também o tempo dos grandes resultados. No século XX é possível verificar vários elogios a liberdade conquistada para alguns povos, principalmente pela revolução francesa, mas ao se falar de eficiência pode-se verificar que os “servos” (antes da conquista da liberdade) produziram muito mais que a nossos homens livres (produção no sentido intelectual). Chesterton apresenta que esses foram alguns dos motivos que o levaram a acreditar na volta aos fundamentos.

Até esse ponto, pode-se observar como Chesterton se desdobra em diversas direções com agilidade, para facilitar a explanação da pesquisa, buscar-se-á fechar algumas pontas. Observa-se que a questão tratada por Chesterton é o conhecimento, logo se enquadrando à temática, a área mais pertinente seria a “teoria do conhecimento”, pois está se abordando alguns pontos sobre a retenção de informações. Percebe-se que Chesterton compartilha da perspectiva Aristotélica de senso comum, assim como da virtude, defende a tradição como uma fonte de conhecimento verdadeiro, critica a ideia de um cientificismo, não concorda com a fragmentação do conhecimento e seu isolamento, dividido por áreas, defende a filosofia medieval (escolástica) principalmente quando aborda a ideia de retorno aos fundamentos, tem como abordagem filosófica aquilo que o próprio autor chama de “Ortodoxia” (no sentido de possuir raízes, logo essa palavra tem ligação com o ato de voltar aos fundamentos), defende antes de tudo que a filosofia começa a partir do momento que aceitamos os primeiros princípios e por fim, pode-se perceber um pouco de como Chesterton reflete sobre algumas ideias de seu tempo, como exemplo a crítica que fez a teoria da praticidade¹⁷.

Agora mais familiarizados com o autor, um pouco de sua bibliografia, e um pouco de sua percepção do mundo, analisar-se-á o conceito de loucura para Chesterton.

¹⁷ Teoria da Praticidade foi desenvolvida por um grupo em Cambridge, que defende uma solução imediata para um problema, procuram caminhos alternativos que são mais fáceis para resolução de um problema. Alguns de seus expoentes são Chauncey Wright, F. E. Aboot, Charles Sanders Peirce e Wiliam James.

4 LOUCURA EM CHESTERTON

Chesterton (2018b) uma vez estava caminhando com um rico editor que acabou comentando sobre um sujeito: “Aquele homem, subirá na vida; ele acredita em si mesmo”. Chesterton levantou a cabeça para ouvi-lo melhor e instantaneamente respondeu para o editor que conhecia um lugar onde os sujeitos acreditavam muito em si, e então lá deveria ser o lugar onde os super-homens (os homens que subiram na vida) habitam. Chesterton então disse: “Os homens que realmente acreditam em si mesmos estão todos nos manicômios”, talvez o uso da palavra todos foi equivocado, pois Chesterton se retrata ao dizer que existiram vários homens que acreditavam em si e não eram lunáticos. Mas ao se ter um excesso de confiança em si mesmo, Chesterton alerta que não é meramente um pecado, e sim uma fraqueza, e acrescenta: “Acreditar totalmente em si é uma crença histérica e supersticiosa”. Se não se deve acreditar radicalmente em si, busca-se acreditar em quem?

É importante atentar-se para o fato de que a maioria das pessoas concordam que um sujeito pode chegar ao ponto de ter um colapso mental. Esse colapso do intelecto é tão inconfundível quanto o desmoronamento de uma casa, diz Chesterton. Mas algumas pessoas podem achar tal oscilação da saúde mental, como algo belo e até mesmo atraente, isso talvez possa se dar pelo fato de tal oscilação não estar acontecendo consigo (falta de empatia).

Um homem cego pode ser pitoresco; mas dois olhos são necessários para ver a pintura. Da mesma forma, até mesmo a mais selvagem poesia de um louco só pode ser apreciada pelo homem sâo. Para o louco sua insanidade é bem prosaica, porque é bem verdadeira. Um homem que acredita ser uma galinha se enxerga como algo tão ordinário quanto uma galinha. Aquele que acredita ser um pedaço de vidro é para si mesmo tão pouco atraente quanto um pedaço de vidro. [...] Em resumo, esquisitices só impressionam pessoas comuns. Esquisitices nunca impressionam pessoas esquisitas. (CHESTERTON, 2018b, p.18)

Quando se fala da filosofia da sanidade, existe um grande equívoco ao qual Chesterton pretende apontar, a vaga noção de que a imaginação é perigosa para o equilíbrio mental. A maior parte dos grandes poetas não foram somente sâos, mas também verdadeiros homens de negócios. A imaginação não gera a insanidade, mas sim a razão o faz! Chesterton diz: “Não são os poetas que enlouquecem, mas os enxadristas”, e ainda ressalta: “Os matemáticos e os bancários enlouquecem;

mas raramente isso acontece com um artista criativo". Pode-se entender que Chesterton está atacando a lógica, mas não é isso que ele está fazendo. Chesterton pretende mostrar que o perigo da loucura reside na lógica e não na imaginação. Neste sentido os homens não enlouquecem quando sonham!

O fato geral é simples: a poesia é sã porque navega docemente em um mar infinito; a razão busca cruzar esse mar e assim torná-lo finito. O resultado é a exaustão mental, [...] Admitir que tudo é um exercício é tudo compreender como um fardo. O poeta só deseja exaltação e expansão, um mundo em que possa se estirar, só quer elevar sua cabeça aos céus. É o lógico que busca colocar os céus em sua cabeça. E é sua cabeça que se fende. (CHESTERTON, 2018b, p.20)

Chesterton (2018b) começa a mostrar para seus leitores os perigos dos trabalhos calculistas, sendo essa uma profissão muito perigosa. Vai afirmar ainda: "... os grandes homens da lógica são muitas vezes maníacos, é igualmente verdadeiro que os maníacos muitas vezes são grandes lógicos". Chesterton diz que é o homem feliz que faz coisas sem sentido, o louco não consegue compreender tais ações, pois procura uma causa em tudo, tudo precisa estar conectado. O louco é capaz de produzir um excelente labirinto, no qual alguém pode cair no erro de tentar derrotá-lo na argumentação, isso seria uma perda de tempo.

A explicação do louco para uma coisa é sempre completa e muitas vezes satisfatória em um sentido puramente racional. Ou melhor, a explicação insana, se não conclusiva, é ao menos irrespondível; isso pode ser observado nas duas ou três formas mais comuns de insanidade. Se um homem diz, por exemplo, que os homens conspiram contra ele, não é possível argumentar exceto dizendo que todos os homens negam serem conspiradores, precisamente o que os conspiradores fariam. A explicação do lunático abrange o fenômeno tanto quanto a sua. E se um homem diz que é o rei legítimo da Inglaterra? Não é suficiente dizer que as autoridades existentes o chamam de louco; pois se ele fosse o Rei da Inglaterra isso seria a coisa mais sabia a ser feita pelas autoridades existentes. Para um homem que diz ser Jesus Cristo, não se pode dizer que o mundo nega sua divindade, já que o mundo negou a Cristo (CHESTERTON, 2018, p.23).

Chesterton (2018b) afirma que o louco está errado, e ao rastrear-se seu erro, é possível perceber que sua mente se move num círculo perfeito, mas ainda sim estreito. Vai dizer ainda: "Um pequeno círculo é tão infinito quanto um grande, mas apesar de ser idêntico na infinidade não é na grandeza", sendo assim uma resposta insana. Uma bala pode ter até um formato parecido com o planeta terra, mas ainda assim, não é o mundo!".

A teoria de um lunático pode explicar várias coisas, mas não explica de uma forma ampla, logo ao deparar-se com um pensamento desse porte, deve-se procurar principalmente não dar mais argumentos ao sujeito, mas sim ar fresco, buscando mostrar para o mesmo que existe ar limpo fora da asfixia de um único argumento. Nesta altura Chesterton já descrevendo sua percepção sobre loucura, percebe uma semelhança em sua descrição, com algumas teorias que surgiram na modernidade, sendo uma delas o materialismo (CHESTERTON, 2018b).

Chesterton (2018b) aponta que o materialismo busca explicar o mundo com uma simplicidade louca. Segundo ele, tão justa (apertada) quanto a teoria de um lunático, que ao mesmo tempo que a teoria parece responder tudo, ao se observar novamente, parece não ter respondido nada. Um exemplo, diz Chesterton: “é possível explicar a ordem do universo dizendo que todas as coisas, até mesmo as almas humanas, são folhas que crescem inevitavelmente em uma árvore completamente inconsciente, destino cego da matéria”. Observa-se aqui um pouco do materialismo de Hanwell¹⁸, e se faz uma pequena comparação do tamanho dos círculos (como é o exemplo dos loucos), os cristãos são livres para acreditarem que existe uma grande extensão de ordem definida e de desenvolvimento inevitável no universo, mas segundo o materialista, não é permitido admitir em sua imaculada máquina a menor mancha de espiritualismo ou milagre. O mundo do materialista é bem simples e sólido, assim como um lunático tem certeza de ser saudável, o materialista acredita que a história foi uma série de eventos causais, sendo assim, nas palavras de Chesterton: “Os materialistas e os loucos nunca têm dúvidas”.

Nesta exposição, o que Chesterton pretende apontar é que as doutrinas espirituais não são uma limitação à mente comparada ao materialismo, pois há um sujeito que cultiva uma espiritualidade, o mesmo não precisa pensar na imortalidade sendo que acredita nela, já o sujeito adepto à filosofia materialista, não pode pensar na imortalidade. No ponto em que o tamanho do círculo diminui, é que está canalizada a crítica de Chesterton e sua comparação ao pensamento do louco.

¹⁸ Ernst Heinrich Philipp August Haeckel, foi um grande pesquisador, zoólogo, médico, biólogo, naturalista, materialista, entre outras coisas. A citação a qual Chesterton se refere no texto é: “A sucessão de indivíduos, conectada por reprodução e pertencente a uma espécie, torna possível a própria forma específica para durar idades. No final, no entanto, a espécie é temporária; Não tem “vida eterna”. Após existir por um determinado período, morre ou é convertido por modificação em outras formas” (HAECKEL, Ernst. *The Wonders Of Life*. London: Watts & Co, 1904, p. 248. Livre tradução).

Outra corrente filosófica a que Chesterton vai fazer uma comparação é o determinismo, no qual a mesma propõe um aumento na liberdade do ser, mais à custa da destruição do livre-arbítrio. Entre o livre-arbítrio e o determinismo pode-se ver que algo acontece, o fato de o livre-arbítrio não estar preso a uma forma cíclica, mas é livre e pode até se tornar uma “linha” (sentido figurado), enquanto o círculo do determinismo é bem reduzido e cercado de gesso, sendo assim bem difícil desfazê-lo (PAINÉ, 2008).

Chesterton (2012) apresenta para seus leitores uma linguagem simples, se recusa a usar notas de rodapé explicativas, e escreve para os leitores de jornal e não para acadêmicos, não utiliza o método de estudo de caso, procura fazer uma análise a partir de suas experiências cotidianas, e algumas leituras. Sendo assim, usualmente será possível perceber generalizações, e em muitas vezes utiliza da ironia, que acaba por tornar a leitura mais agradável. Esse estilo próprio do autor revela sua consistência em suas próprias crenças, mas não deixa de expor um dado bem interessante. Até esse ponto, pode-se perceber que o autor está tentando chamar a atenção para algo muito importante, o fato de que a loucura se caracteriza não por uma imaginação fértil, mas sim, por falta de fertilidade imaginativa e um excesso de racionalização. Chesterton não é nem psicólogo, nem psiquiatra, não é alguém “capacitado”, ou que possui um diploma para lhe conceder credibilidade, é apenas um homem comum que escreve para um jornal, mas esses fatos ainda não são capazes de afogar sua grande percepção. Chesterton em seu livro “Hereses”, acabou colocando alguns “carimbos” na cabeça de pensadores a partir de seus escritos, identificando o pensador como o nome e a ideia que percebe ser louca, dedica praticamente um capítulo por autor, dentre esses pensadores pode-se encontrar: Nietzsche, Bernard Shaw, Mc Cabe, entre outros.

Voltando para a temática, algo deve ser esclarecido, o problema da loucura não está simplesmente na razão, mas segundo Chesterton (2018b) está na sua raiz. Ele utiliza a metáfora de uma árvore de Natal bem enfeitada (representando a ideia do louco), só que quando se procura ligar tal árvore na tomada, percebe-se que o fio é curto e que logo não será possível ascender às luzes da árvore, e ao chegar a noite ela será mais uma árvore no escuro. Ele diz essa pequena metáfora para explicar, que um sistema lógico de pensamento, pode ser muito bem elaborado, milimétricamente organizado, sem pontas soltas, circularmente perfeito, mas se o mesmo não possui uma raiz que o sustente, simplesmente vira um esquema sem

sentido. Então, para Chesterton, um pensamento precisa ter a “Ortodoxia”, ou seja, uma raiz que o sustente firmemente contra as “tempestades” das argumentações.

O que é capaz de salvar o homem da loucura, segundo Chesterton, é o misticismo:

O misticismo preserva a saúde. Enquanto há mistério, há saúde, quando o mistério é destruído, surge a morbidez. O homem comum tem sido sempre são porque tem sido sempre um místico. Ele permitiu o crepúsculo; teve sempre um pé na terra e outro na terra das fadas (CHESTERTON, 2018b, p.33).

Para melhor se compreender a ideia do misticismo, analisar-se-á um trecho de seu comentador Paine:

Para Chesterton, a primeira resposta do homem comum ao universo é a resposta a um mistério. O místico aqui é o homem que “se preocupou mais com a verdade do que com a consciência”, cuja “visão espiritual é estereoscópica”, capaz de agarrar-se até mesmo a mensagens aparentemente contraditórias do mundo, “percebendo duas figuras diferentes ao mesmo tempo e, ainda sim, percebendo melhor”. O homem são, o “místico”, é tão humilhado pelo imenso mistério do cosmo que nem sonharia em tenta-lo compreendê-lo definitivamente. (PAINÉ, 2008, p.116)

O comentador Paine (2008) ao falar desse misticismo, pede para que se pense em uma criança recém-nascida, que quando começa a enxergar o mundo ao seu redor faz uma “cara” de espanto, surpresa, e muitas vezes começa a rir. A criança, segundo Paine, consegue captar esse mistério que chamamos de realidade, e ela consegue aprender com o universo, pois não existe ninguém melhor que o próprio universo para ensinar sobre ele mesmo. Assim a criança desenvolve seus sentidos, tato, paladar, fala, audição, visão, reconhecendo os aromas, objetos, pessoas animais etc. E quando cresce pode acabar cometendo o erro de “cuspir no próprio prato”, utiliza esse termo para expressar a atitude de um sujeito que escolhe por duvidar dos primeiros princípios, podendo considerá-los como ilusórios, e não dignos de confiança. Segundo o comentador Paine, esse é o caminho lógico trilhado pelo louco.

Deve-se estar arraigado em algum lugar, em qualquer lugar, para assumir uma autêntica postura humana e aceitar o universo à primeira vista. “A partir do momento em que criamos raízes num lugar, esse lugar desaparece. Vivemos como uma árvore com toda a força do universo”. (PAINÉ, 2008, p.118)

Segundo Paine (2008), alguns pensadores já citados nessa pesquisa se encaixam na descrição que Chesterton faz da loucura. Quando o sistema racional lógico não possui raízes nos primeiros princípios, e suas raízes estão em sua própria razão o perigo da insanidade está bem próximo, sendo esses pensadores citados: Descarte, Kant e Husserl, que já foram anteriormente descritos, desenvolvem sua linha de raciocínio, por vias diferentes aos dos primeiros princípios.

Vimos como Descartes e Kant ainda quiseram afirmar a realidade extramental, o que os levou a proceder de modo infiel aos seus próprios princípios, operando, finalmente, a salvação do mundo com um deus *ex machina*. Hegel deu adeus às conveniências e conseguiu que seus princípios alcançassem seus compromissos idealistas. Husserl simplesmente tentou outra vez. Depois que as revoluções nas ciências exatas fizeram com que o sistema de Hegel parecesse um pouco débil e, ao seu crédito, Husserl concebeu um idealismo mais puro e mais consistente que o do próprio Hegel (PAINÉ, 2008, p.112-113).

Chesterton certa vez precisou escrever um comentário sobre o livro de Grant Allen, cujo nome é “The evolution of the Idea of God”, que pode ser traduzido como “A evolução da ideia de Deus”. Nesse livro, Chesterton percebeu o uso da palavra evolução, que está intrinsicamente associado a ideia de evolução de Darwin, principalmente no livro “A origem das espécies”, assim começou a refletir sobre o conceito e percebeu algo interessante.

Na realidade, não se trata, com respeito a essas coisas primárias, de uma palavra muito prática ou de uma ideia muito proveitosa. Ninguém se aproxima nem sequer um centímetro disso mediante a explicação de como alguma coisa poderia se transformar em alguma outra coisa. É de fato muito mais lógico começar dizendo: “No princípio Deus criou o céu e a terra”, mesmo que só queira dizer: “No princípio algum poder inimaginável começou algum processo inimaginável”. Pois Deus é por natureza um nome misterioso, e ninguém jamais supôs que o homem pudesse imaginar como o mundo foi criado e muito menos que ele pudesse criar um mundo. Mas de fato a evolução é erroneamente tomada como uma explicação. (CHESTERTON, 2018b, p.27)

Chesterton percebe que muitos leitores de Darwin compraram a ideia da evolução como uma resposta a questões sobre a formação do mundo, mas ai a um tremendo erro de cálculo, e bem simples, o problema é que o tempo ou a lentidão não são capazes de explicar a mudança de uma coisa. Chesterton explica em outras palavras: “Para uma pessoa que não acredita em milagres, um milagre lento seria tão inacreditável quanto um rápido”. Se uma bruxa transformasse marinheiros em porcos com sua vara de condão, o tempo que levaria para que ocorresse a

transformação é o menor dos problemas, a questão mais espantosa para se preocupar, seria a “magia” que possui sua vara de condão. A este ponto chegamos ao mistério, e na tentativa de responder ao mesmo, algumas pessoas podem acabar “forçando” teorias. Chesterton questiona a seus leitores, qual é o problema do mistério? Só o fato de existirem, não significa que se tem a obrigação de desvendá-los. Nesse sentido, Chesterton não está dizendo para não pensar sobre o mistério, mas para não se cair no erro de forçar um mistério para dentro de uma lógica, mesmo percebendo que ele (mistério) não cabe (CHESTERTON, 2018b).

Chesterton (2018b) agora nos apresenta um outro exemplo, quando se pensa na história do homem, pode-se imaginar o “homem das cavernas”, e sobre esse ser em especial que o autor quer trabalhar. Devido algumas infames estórias o homem das cavernas ficou conhecido de uma forma um pouco estranha, é muito fácil ver nos desenhos e histórias infantis, um homem das cavernas bruto, agressivo, que arrasta as mulheres pelos cabelos, um ser desprovido de inteligência, na verdade é muito fácil de perceber esse retrato. Mas aí, tem-se um problema, quem contou essa história sobre os homens das cavernas? Na verdade a pergunta é: como é que se sabe que eles existiram? Chesterton responde, talvez seja graças às descobertas arqueológicas, como é o caso de um pedaço de pedra talhada (possível ferramenta), ou de alguns ossos e das pinturas nas cavernas. Certo, e como com tão poucas provas foi possível desenvolver tamanha fábula sobre o mesmo, principalmente a história que puxavam as mulheres pelos cabelos?

Chesterton ainda vai mais além. Por que, quando alguém viu as pinturas nas cavernas, conseguiu no mesmo instante afirmar que um homem esteve ali? Nesse momento é possível perceber algo extraordinário, se o homem das cavernas tivesse desenvolvido a habilidade de costurar suas roupas, nós saberíamos? Será que o tempo não teria consumido com as mesmas. Se o homem tivesse construído até algumas estruturas parecidas com casas, será que ainda existiriam? Se fossem só alguns que morassem nas cavernas, e não todos? E se esses homens desenvolveram dialeto falado, como nós saberíamos? Chesterton aponta para uma tendência muito maliciosa do pensador moderno, a ideia dele se achar melhor do que os outros, a ideia de achar que os homens de hoje são mais inteligentes que os homens de outras eras (CHESTERTON, 2018b).

O ponto é que o homem sempre foi homem, sempre foi racional, e a maior prova desse fato é a pintura rupestre, por que não se pensa que foi uma galinha que

pintou a parede? Por que não se pensa que talvez tenha sido um cachorro? Por que não se pensa que foi um outro ser em evolução? Mas simplesmente com toda razão, concluiu-se que foi um homem que desenhou. Chesterton (2018b), não foi simplesmente um homem, mas sim um artista, pois se fosse pedido para que algumas pessoas de nosso tempo atual reproduzissem tais desenhos, com certeza, não seriam todas que conseguiriam realizá-lo com tamanha riqueza de detalhes¹⁹, ele compara ainda esse homem das cavernas com uma criança em uma sala qualquer com algumas tintas, e pergunta para seus leitores, qual a diferença do homem das cavernas da alguns mil anos atrás, e dessa criança que faz seus desenhos nas paredes? Na verdade ao buscar-se uma comparação sincera, ver-se-á pouca diferença entre as dois modelos. O que evoluiu?

Esse homem se transformou em que, no sentido racional? Quando se analisa a história, pode-se ver os egípcios e os babilônicos, por exemplo, como eles conseguiram tanto progresso em suas construções e engenharias, feitos tão impressionantes que até hoje não se consegue explicar, e fica a pergunta, por acaso não somos os mesmos homens, não temos sentimentos, necessidades, medos, surtos, ideias, sonhos? O que o tempo mudou? O que nós evoluímos? Será que não seriam apenas ideias diferentes, e objetivos diferentes? Mas parece que se utiliza o mesmo instrumento entre as eras, o corpo e a razão. E talvez, só se conseguiu fazer um pouco mais graças a herança dada por nossos antepassados, como, por exemplo, Aristóteles e Platão (CHESTERTON, 2018b).

Nesse sentido um louco poderia criar um círculo lógico no qual defende uma evolução pela evolução, e sim teria uma lógica, mas que no fundo precisaria mesmo é ter fé. Essa é a conclusão final de Chesterton (2018b) para essa explanação, tanto para aqueles que acreditam no criacionismo, quanto àqueles que acreditam no evolucionismo uma mesma coisa lhes é necessária, ter-se fé em suas teorias, pois não se é possível provar com exatidão nenhuma das duas.

Pode-se perceber que essa explanação de Chesterton sobre o evolucionismo, aponta para aquilo que ele tenta mostrar para seus leitores, o fato de que muitas vezes patina-se em cima de teorias, as quais muito já se foi pensado, por homens tão inteligentes quanto os que existem hoje, e ao encontrar-se uma barreira lógica, pode-se cair na tentação de tentar encontrar um caminho alternativo. O

¹⁹ Chesterton afirma isso, pois umas das pinturas rupestres citadas por ele no livro é de um cervo que está olhando para trás.

problema acontece quando o pensador se enche de soberba e desenvolve uma lógica muitas vezes atraente e luminosa que promete uma solução, mas quando se olha de novo, parece que a resposta ainda está incompleta, pois muitas vezes pode acontecer de se procurar um caminho que ignora o mistério, e isso é tolice diz Chesterton.

Nós podemos aceitar o homem como um fato, se nos contentarmos com um fato sem explicação. Podemos aceitá-lo como um animal, se conseguirmos conviver com um animal fabuloso. Mas se for absurdamente preciso termos sequência e necessidade, então de fato precisaremos providenciar um prelúdio e um crescendo de milagres cada vez maiores, que profetizem, com trovões inimagináveis por todos os sete céus de uma outra ordem, um homem – que é uma criatura comum (CHESTERTON, 2018b, p.44-45).

Portanto, após estas poucas, simples, argumentadas afirmações, percebe-se a relevância da discussão. Ao se perceber como sujeito racional no mundo que busca a verdade, é necessário desenvolver uma capacidade reflexiva sobre as teorias, para conseguir perceber se suas raízes residem no mundo ou simplesmente na razão. Por um caminho baseado na realidade, isso é que engloba o mistério do real, ou em um percurso extremamente lógico (que existe só no intelecto), perfeitamente circular, e com uma visão míope do real. A advertência que Chesterton faz é que existe uma insanidade próxima aos sujeitos, e a mesma é uma espécie de prisão, na qual o próprio sujeito se aprisiona em sua racionalidade (labirinto lógico), logo a poesia e a fertilidade imaginativa são capazes de ajudar o sujeito a perceber as raízes do pensamento e identificar a sanidade da ideia (CHESTERTON, 2018a).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, depois de analisar as ideias citadas pelo autor sobre loucura. Percebe-se que existe uma coerência lógica em sua construção argumentativa, e que os exemplos citados no texto são possíveis de serem percebidos.

Essa prisão está sendo analisada em juízo moral (Chesterton considera a loucura como uma forma errada de se pensar), talvez existam alguns sujeitos que prefiram morar em prisões, talvez uma prisão possa significar segurança para alguém, talvez o próprio mundo seja uma prisão. Assim, percebe-se o caráter pessoal de Chesterton, ele se identificou envolto por essa loucura, procurou combate-la ao longo de sua vida, utilizando também da imaginação e da poesia escreveu seus livros, suas colunas, expondo sua opinião publicamente, e aceitando convites para debates, sempre procurando mostrar a existência de uma filosofia sã, que possui raízes na realidade (Os Primeiros Princípios) e que não está fundamentada simplesmente na razão, possuindo também abertura para o mistério.

Por fim, segundo Chesterton a Igreja Católica Romana desenvolveu um grande exemplo de sã filosofia, e que para chegar nessa conclusão, precisou “atravessar o mundo” (sentido figurado), procurando por vários lugares, como materialismo, evolucionismo, darwinismo, etc. Por fim, aquilo que pode combater a loucura é a busca pela sã filosofia. Como dar respostas não é o objetivo da filosofia, e sim levantar perguntas, então pode-se pensar sobre uma pergunta final com base em todo esse trabalho: “Será que a sanidade existe?”

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Os Pensadores:** Ética à Nicômaco. São Paulo: Abril S/A Cultural e Industrial, 1973.

BUZZ, Book. **Terry Pratchett, 1948-2015:** A morte tem a última palavra, 2015. Disponível em: <https://torontopubliclibrary.typepad.com/bookbuzz/2015/03/terry-pratchett-1948-2015.html>. Acesso em: 25 mar. 2021.

CHESTERTON, Gilbert. **Appreciations and Criticisms of the Works of Charles Dickens.** Londres: J.M. Dent and Sons, 1911.

CHESTERTON, Gilbert. **Chaucer.** London: Feber and Feber, 1932.

CHESTERTON, Gilbert. **Autobiografia.** Campinas: Ecclesiae, 2012.

CHESTERTON, Gilbert. **O que há de errado com o mundo.** Campinas: Ecclesiae, 2013.

CHESTERTON, Gilbert. **Hereses.** 3. ed. Campinas: Ecclesiae, 2014a.

CHESTERTON, Gilbert. **São Francisco de Assis.** Campinas: Ecclesiae, 2014b.

CHESTERTON, Gilbert. **The G.K Chesterton Collection.** Londres: catholicwaypublishing, 2014c.

CHESTERTON, Gilbert. **O Homem Eterno.** 2. ed. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2018a.

CHESTERTON, Gilbert. **Ortodoxia.** 2. ed. Campinas: Ecclesiae, 2018b.

COSTA, António Leite. **Chesterton, defensor da fé,** 2013. Disponível em: <http://sociedadechestertonportugal.blogspot.com/2013/01/q.html>. Acesso em: 29 mar. 2021.

DESCARTES, René. **Discourse on Method and Meditation.** London, 1960.

ESCRIBANO, José Ignacio. **Ronald A. Knox (1888 - 1957),** 2020. Disponível em: <https://jiescribano.wordpress.com/2020/04/10/ronald-a-knox-1888-1957/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FOUNDATION, Poesia. **Robert Browning,** 2021. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/robert-browning>. Acesso em: 12 mar. 2021.

FRAZÃO, Dilva. **Henrique VIII,** 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/henrique_viii/. Acesso em: 17 abr. 2021.

FRAZÃO, Dilva. **Elizabeth I,** 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/elizabeth_i/. Acesso em: 17 abr. 2021.

HAECKEL, Ernst. **The Wonders Of Life**. London: Watts & Co, 1904.

ITAICI, Mosteiro. **São Francisco Xavier**, 2021. Disponível em:
<https://www.itaici.org.br/santos-da-companhia-de-jesus/2/03-12-sao-francisco-xavier-1506-1552>. Acesso em: 04 mar. 2021.

KANT, Imanuel. **Crítica da Razão Pura**, 2021. Disponível em:
https://www.dca.fee.unicamp.br/~gudwin/ftp/ia005/critica_da_razao_pura.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

LABRIOLA, Albert C. **John Milton**, 2021. Disponível em:
<https://www.britannica.com/biography/John-Milton>. Acesso em: 26 abr. 2021.

LUCIANI, Albani. **Ilustríssimos Senhores**. São Paulo: Editora Loyola, 1979.

MORRILL, John S. **Oliver Cromwell**, 2021. Disponível em:
<https://www.britannica.com/biography/Oliver-Cromwell>. Acesso em: 17 abr. 2021.

OLIVEIRA, Marco. **Rainha Vitória**: Breve biografia e excertos da epístola revelada por Bahá'u'lláh, 2004. Disponível em: https://bahai-library.com/?file=oliveira_vitoria_biografia_epistola. Acesso em: 16 abr. 2021.

OXFORD. **Edmund Clerihew**, 2021. Disponível em:
Bentley<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095459645>. Acesso em: 17 abr. 2021.

PAINÉ, Scott. **Chesterton e o Universo**. Brasília: Editora UnB, 2008.

PARALELO, Brasil. **O que é Distributismo? Não ao socialismo e não ao capitalismo...**, 2021. Disponível em:
<https://conteudo.brasilparalelo.com.br/filosofia/distributismo/>. Acesso em: 8 abr. 2021.

PEARCE, Joseph. **Sabedoria e Inocência**: Vida de G. K. Chesterton. Campinas: Eccliae, 2015.

SILVA, Daniel Neves. **Revolução Gloriosa**, 2021. Disponível em:
<https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/revolucao-gloriosa.htm>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SILVA, Diego Guilherme. **Chesterbelloc e o Distributismo**, 2021. Disponível em:
<https://www.sociedadechestertonbrasil.org/chesterbelloc-e-o-distributismo/>. Acesso em: 07 mar. 2021.

VIDE, Editorial. **Cardeal Henry Edward Manning**, 2021. Disponível em:
https://videeditorial.com.br/index.php?route=product/author&author_id=6194. Acesso em 12 abr. 2021.